

## Prazeres e Suculências



# Os encontros cúmplices entre a água

**Gil Gilardino**  
Giuseppe Gilardino\*



Foi uma boa surpresa receber tantos e-mails evidenciando o despertar da curiosidade que o meu último artigo onde a água, o café, o whisky e a cerveja foram as vedetas. Como devem entender, não poderei responder a todos de forma individual e limitarei neste artigo um retorno ao mágico negro café e à sua cumplicidade com a água, realçando como é importante preservar os aromas e os gostos melhorando a água usada na sua preparação, que deveria ser pura.

Neste texto darei especial importância ao café expresso obtido com as famosas máquinas inventadas em Milão por "Achille Gaggia" em 1938 e que passou a produzi-las industrialmente em 1946, sendo as suas descendentes de hoje fabricadas em numerosas partes do mundo. A qualidade do café, tal como o vinho, depende

da terra onde é cultivado, do clima como também da altitude e das espécies plantadas. O café é o fruto de um arbusto designado genericamente por cafeeiro da família das Rubiáceas de que se conhecem mais de cem variedades. O seu nome genérico é "Coffea" e dele desabrocham lindas flores brancas transformando-se em frutos (ou cerejas) que contêm uma ou duas sementes que são, afinal, os grãos de café verde e que mais tarde é colhido e torrado.

Das espécies de café produzidas um pouco por todo o mundo, o mais abundante é o denominado "Arábica", existindo outras espécies como o "Canephora", mais conhecido como "Robusta" e a mais consumida em Portugal, e ainda, para além de outras, o "Libérica". O "Arábica", que herdou as origens da Etiópia, é um tipo de café com baixa percentagem de cafeína que, em percentagem relativamente ao peso, pode variar entre 0,2% nos "Arábica" e 0,7% nos "Robusta". O "Arábica", que numa tosta clara quase que dá origem a um descafeinado, é produzido principalmente na América Central e América do Sul, sendo o Brasil um grande produtor mundial sendo o seu café muito apreciado pela sua qualidade.

Um elemento fundamental na obtenção do café como bebida é a água. A água usada na obtenção do café deve ser "pura" e devemos ter saber que uma "água potável" não pode ser considerada como "água pura". A ciência, numa pesquisa constante para nos defender dos malefícios da poluição, consegue obter uma água boa para consumo, que em Aveiro resulta de uma dura luta protagonizada diariamente pela AdRA, para nos proteger da acção gravosa dos elementos poluentes e fornecer, nas casas de cada um de nós, "Água Potável". As máquinas de café do tipo "Expresso" todas elas possuem um filtro, geralmente instalado na sua proximidade, e que exige uma manutenção periódica para garantir uma água mais pura. Podemos agora entender a diferença do sabor do café nas casas onde os gerentes percebem a importância da água pura na preparação de um café excelente.

Em outros artigos, referi que os distribuidores e fornecedores de café, para ajudarem a que fosse servido café de melhor sabor, poderiam ter um papel relevante no controlo do estado dos filtros de água, na avaliação da pressão das máquinas e na regulação da moagem do grão

do café que, devido às vibrações, se descontrola com facilidade.

A água potável em Aveiro, do ponto de vista sensorial, é uma das mais agradáveis, tendo-a comparado com a água que saboreei proveniente das torneiras de outras cidades especialmente no Porto. Em estudos sociológicos seria interessante descobrir os motivos que conduzem as comunidades, consciente ou inconscientemente, a contaminar com persistência a água, como a primeira essência da vida. Polui-se da forma mais diversificada a água dos rios, os terrenos são envenenados com pesticidas, contamina-se a atmosfera com gases e partículas da indústria e da queima de produtos do petróleo nos veículos, numa terrível poluição que rompe o ciclo natural da chuva que cai na terra.

A água potável, obtida a partir de águas poluídas e contaminadas, exige a aplicação de métodos caros de filtragens, de engenharia química e de procedimentos de assíduo controlo para a garantir em quantidade e qualidade necessárias ao bem-estar e conforto das populações. É necessária uma adaptação de grande dinamismo



## Prazeres e Suculências



FOTOS: D.R.

## e o café

para adequar a cada momento o tratamento proporcionado à água em tratamento para a fornecer sadia aos consumidores.

Temos que agradecer aos químicos e aos médicos a cumplicidade proporcionada às empresas, de que a AdRA é um exemplo, para realizarem uma autêntica tortura às águas no seu processo de tratamento e que passa por uma série de acções com designações assustadoras de que se dá o exemplo de “pré-oxidação”, “coagulação”, “floculação”, “flotação”, “filtração gravítica”, “oxidação intermédia”, “remineralização” ou “desinfecção”, numa conjugação com produtos químicos e engenhosas manobras físicas que resultam num produto final que podemos apreciar, beber e usar tranquilamente nas nossas necessidades diárias. Provavelmente, nenhum dos meus leitores terá mais alguma vez coragem para se insurgir com o preço que paga pela água potável da rede pública que consome.

Entretanto, as comunidades não se preocupam em demasia em como intervirem civicamente para se moderarem e reduzirem os nefastos ciclos poluidores, agindo legalmente junto das indústrias para modificarem as formas destruidoras da água e da vida, invertendo uma postura que inevitavelmente implicará com a qualidade da vida das gerações vindouras.

Temos que nos preocupar com os perigos em que podemos incorrer se as empresas deste país, como a AdRA, interrompessem as suas benéficas actividades e parassem de fornecer a água com a qualidade que diariamente nos é servida de forma célere e contínua nas nossas casas e empresas. Passaríamos a ter que conviver com a cólera, a disenteria, a gastroenterite e muitas outras pestes de nomes bem feios e de efeitos devastadores numa acção em cadeia junto das populações.

Pessoalmente, como epicurista gastrónomo e amante dos sabores e dos prazeres, evidentemente que rejubilo ao reencontrar aquele sabor cristalino e cantante mágico da água que podemos encontrar nas Serras e nos Montes, e que perduram nas nossas memórias gustativas de juventude, sendo raras as nascentes naturais que conseguem fugir às tragédias poluidoras dos homens. Este gosto da água é inconfundível e por muito que se tente saborear a água das terrivelmente poluidoras garrafas de plástico das águas minerais, apesar dos refrescantes frigoríficos, nunca nos podem transmitir aquele sabor ou sentimento do renascimento da vida das nascentes que bem conheci da Serra da Estrela, de Trás-os-Montes ou do bem próximo Caramulo.

Mais de 600 milhões de crianças, viverão com falta de água até 2040. ◀

